



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

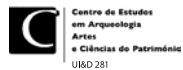
ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

UTENSÍLIOS CERÂMICOS DE UMA COZINHA MEDIEVAL ISLÂMICA NO ESPAÇO PERIURBANO DE AL-USHBUNA (1ª METADE DO SÉC. XII)

Jorge Branco¹, Rodrigo Banha da Silva²

RESUMO

Apresentam-se os resultados do estudo das unidades [2233] e [2236] da habitação 6 do bairro islâmico da Praça da Figueira (Lisboa), correspondentes ao contexto de uso da cozinha. Pretende-se dar a conhecer as diferentes formas e tipologias de cerâmica que compõem este conjunto maioritariamente enquadrado nos finais do século XI e primeira metade do século XII, bem como reforçar algumas teorias em relação à cronologia e forma de abandono do bairro.

Palavras-chave: Cerâmica islâmica; *al-Ushbuna*; *Garb al-Andalus*; Reconquista; Período Medieval.

ABSTRACT

This article presents the results of the study of the layers [2233] and [2236] identified in the house 6 of the islamic neighborhood located in Praça da Figueira (Lisbon), which correspond to the context of usage of its kitchen. We pretend to show the different forms and types of pottery that compose this group, mostly related to the end of the eleventh century and first half of the twelfth century, as well as reinforce some theories concerning the chronology and form of its abandonment.

Keywords: Islamic pottery; *al-Ushbuna*; *Garb al-Andalus*; Reconquista; Medieval Ages.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto corresponde aos resultados do estudo da cultura material do contexto de cozinha (unidades [2233] e [2236]) da habitação 6, localizada na zona norte do bairro islâmico da Praça da Figueira (Lisboa). O sítio foi identificado no âmbito dos trabalhos arqueológicos realizados entre 1999 e 2001, motivados pela instalação de um parqueamento automóvel, tendo os vestígios islâmicos sido encontrados a cerca de 5m de profundidade em relação à cota atual da praça, revelando um conjunto arquitetónico que foi mais tarde interpretado como parcela de um bairro. A cultura material analisada é composta, quase exclusivamente, por artefactos cerâmicos, que corres-

pondem aos elementos mais comuns na maioria dos contextos arqueológicos, tendo em conta a sua capacidade de resistir à passagem do tempo e aos elementos erosivos do solo. O seu estudo será feito de acordo com os critérios de sistematização propostos em 2009 pelo Grupo CIGA (Bugalhão *et alii*, 2009), enquanto a atribuição de tipologias foi realizada, na maior parte dos casos, tendo em conta as características morfológicas do bordo e respetivo lábio.

Através da quantificação, descrição e análise dos quase 200 fragmentos recolhidos do contexto de uso da cozinha, procuramos produzir novos dados acerca do consumo de cerâmica na fase final da presença islâmica de Lisboa, que terá o seu terminus enquanto entidade política no ano de 1147, data da conquis-

1. Mestrando em Arqueologia pela Faculdade de Ciência Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / jorge_branco13@hotmail.com

2. CAL-DPC-CML / CHAM - FCSH/UNL; UAC / rb.silva@fcsch.unl.pt

ta da cidade pelo recém-formado Reino de Portugal, bem como reforçar a teoria de um abandono mais progressivo e tardio deste bairro localizado no espaço periurbano da cidade de *al-Ushbuna* (figura 1).

2. O BAIRRO ISLÂMICO DA PRAÇA DA FIGUEIRA E A COZINHA DA HABITAÇÃO 6

2.1. O Bairro

A intervenção arqueológica iniciada em 1999 colocou a descoberto aproximadamente 1100m² de área, uma parcela de um bairro islâmico bem mais extenso (Figura 2), composta por 7 quarteirões e 5 artérias de circulação. A maioria das habitações seguia os preceitos urbanísticos canónicos: a sua fachada principal encontrava-se orientada para Meca (sudeste), possuía um compartimento privado, cego para o exterior, um pátio (central ou lateral) a partir do qual se acedia às restantes divisões, tendo sido identificadas cozinhas, armazéns e latrinas. No entanto, as casas revelaram a ausência de um elemento imprescindível nas habitações islâmicas em espaço urbano: o saguão.

Apesar do razoável estado de conservação das estruturas, nenhuma das unidades habitacionais preservava todos os elementos da planta original. As razões para essa ausência prendem-se com as ações de reaproveitamento de materiais construtivos que se seguiram ao abandono do espaço (segunda metade do século XII – primeira metade do século XIII), bem como à lixiviação episódica e forte dos depósitos formados naquela fase.

As unidades habitacionais teriam em média 48m² de área, o que corresponde a uma dimensão reduzida e sugere um fraco estatuto económico dos seus moradores. Construídas em taipa e sem revestimento parietal na sua face interna, dotadas de pisos em terra batida com ou sem argamassa, apenas em duas habitações se assinalaram vestígios de um piso almagrado no compartimento maior (salão) e de um pavimento lajeado empregue no pátio de uma outra.

A planta dos arruamentos e quarteirões mostrava alguma regularidade, sendo plausível admitir que a sua matriz resultou de um parcelamento rural prévio à instalação da urbanística (Silva, 2012, pp. 7-9).

A escavação demonstrou que o conjunto urbano não possui antecedentes similares arqueologicamente documentados no local, como também que alguns dos quarteirões partilhavam o mesmo muro de limite, sugerindo que os recintos eram erguidos

primeiro, e só posteriormente subdivididos. As observações anteriores, juntamente com o carácter eminentemente habitacional do bairro, sugerem que o mesmo foi alvo de uma instalação sincrónica, motivado não pelo crescimento orgânico da cidade, mas pela vinda de populações que lhe eram exógenas. Esta mobilização de pessoas afigura-se como particularmente lógica no contexto histórico em que se desenrolou, tal como sugerem as fontes históricas. Citando Ibn Jobair, um muçulmano andaluz que visitou a Palestina cerca de um ano após a conquista franca: “não há, para um muçulmano, qualquer desculpa à face de Deus de permanecer numa cidade de indevoção” (Maalouf, 1983, pp. 11-12).

Relativamente à sua data de instalação e ocupação, dois trabalhos académicos recentemente desenvolvidos³ já apresentaram propostas nesse sentido, destacando-se o trabalho de Inês Pires no âmbito do seu estudo dos materiais da Via F do bairro onde, com base no estudo exaustivo dos materiais em estratigrafia, a investigadora sugere que este foi edificado em torno dos inícios do período almorávida (1094) (Pires, 2020, p. 97). Ambos os autores citados propõem que o abandono da urbanística ocorreu após a conquista de Lisboa pelo Reino de Portugal, em 1147. No entanto, este abandono não terá sido imediato, mas sim gradual ao longo do século XII, atingindo talvez os inícios do século XIII, cronologia atestada pela presença de materiais com essa cronologia (Pires, 2020, p. 91).

2.2. A Habitação 6

A unidade habitacional 6, onde se encontra a cozinha que é o objeto-alvo deste estudo, localizava-se na zona norte do bairro. Possuía uma área de aproximadamente 45 m² (29 m² contando apenas com a área útil) e um pátio lateral de aproximadamente 12,6 m² com piso lajeado, o único do bairro. Esta divisão comunicava a sudoeste com a cozinha através de uma porta com 86 cm de largura, e a noroeste com o salão, que deveria apresentar alcova num dos seus cantos. A cozinha teria uma área de 7,56 m² e o salão cerca de 9,36 m².

Foram identificadas três reformulações no muro comum entre a habitação 6 e a habitação 1, que se encontrava a este da anterior. Esta situação pode sugerir uma maior longevidade de ocupação, o que

3. Referindo-nos aos trabalhos académicos de Duarte Mira e Inês Pires.

poderá ser suportado por alguns elementos cerâmicos apresentados de seguida.

A cozinha da habitação 6 (figura 3) foi identificada durante os trabalhos arqueológicos pelo facto de apresentar um forno de argila (*tannur*), que já se encontrava reduzido a massa informe de barro cozido. Associados a esta estrutura encontravam-se os depósitos [2233] e [2236], correspondentes à última fase de uso deste espaço. No canto desta divisão encontrava-se uma mó de grandes dimensões.

3. A CERÂMICA

A quantificação cerâmica foi realizada com base no modelo de número de fragmentos e número mínimo de indivíduos (NMI). A contagem do número mínimo de indivíduos teve em consideração os fragmentos de bordo, fundo, carena, colo e asas. Em casos pontuais, foram também considerados elementos relacionados com o fabrico ou decoração que permitiam distinguir e individualizar um fragmento dos restantes. Analisaram-se 199 fragmentos, tendo-se obtido um número mínimo de 54 indivíduos. Estas unidades, com destaque para a [2233], apresentavam peças com bom grau de preservação, tendo-se recolhido 6 peças com perfil completo.

3.1. Decoração

Relativamente à decoração, a quantificação aplicada ao número total de fragmentos indica que cerca de 71% dos fragmentos se apresentavam sem qualquer indício de decoração. A decoração mais frequente correspondeu ao engobe, identificado em 24 fragmentos, seguida da pintura a branco, presente em 12 fragmentos. Esta foi utilizada num leque variado de motivos decorativos, geralmente geométricos, entre os quais se destacam as linhas verticais e horizontais (muitas vezes em conjuntos de três), ziguezagues, quadriculados e motivos radiais. A presença destas decorações, especialmente na cerâmica de armazenamento de líquidos, é entendida por alguns autores como possuindo um carácter apotropaico, considerando a importância da água nos quotidianos destas comunidades (Gómez Martínez, Rafael e Macias, 2010, pp. 175-195).

Relativamente à decoração vidrada, esta foi identificada em 15 indivíduos (7,5 % dos fragmentos), e apenas nas formas de tigela, jarra/jarro/jarrita e púcaro. A decoração monocromática foi a mais comum, seguida da bicromática, identificada em dois

exemplares. Destaca-se também a presença de dois indivíduos com decoração de corda seca parcial.

3.2. Fabricos

Foi realizada uma análise macroscópica a todos os indivíduos identificados anteriormente, com vista a estabelecerem-se grupos de fabrico. A sua atribuição teve em conta os seguintes critérios: presença, tamanho e percentagem de elementos não plásticos; presença de quaisquer vácuos, fendas, fissuras ou cavernas; cor (segundo a tabela Munsell, conjugada com observação empírica), textura, tato e dureza da pasta. Esta análise permitiu a criação de 9 fabricos distintos, sendo 5 relativos a cerâmica com superfícies não vidradas, e os restantes 4 a vidradas.

3.2.1. Fabricos de produções não vidradas

O fabrico F1 corresponde ao fabrico mais presente no conjunto, tendo sido identificado na esmagadora maioria dos indivíduos (87%). Apresenta uma textura geralmente homogénea e compacta, dura e de tato grosseiro. A tonalidade da fratura varia, geralmente, entre as cores laranja e castanho-claro, sendo comum a atribuição das cores 5 YR 7/8 – reddish yellow; 5 YR 8/4 – pink e 5 YR 7/6 – reddish yellow aos indivíduos deste fabrico. Relativamente aos elementos não plásticos, o fabrico F1 caracteriza-se pela presença frequente de mica prateada (moscovite), de pequena a grande dimensão, elementos quartzosos (quartzo translúcido e hialino) de pequena a grande dimensão, geralmente frequentes, e elementos de cerâmica moída pouco frequentes. É comum a pasta apresentar alguns alvéolos, fissuras e até cavernas. Dada a elevada presença de mica e quartzo, concluímos que este fabrico é de origem local/regional.

O fabrico F2 possui uma textura densa (muito calibrada) e compacta, tato e dureza suave, e a sua pasta possui uma tonalidade entre o bege e o rosa-claro (2.5 YR 8/4 – pink). A análise macroscópica revelou a presença pouco frequente de mica prateada e elementos quartzosos, bem como presença frequente de elementos ferromagnesianos. A percentagem de ENP's é de 10%, e o seu tamanho pode variar entre os 0,5 e os 2 mm. Este fabrico encontra-se presente num fragmento de jarra/jarro/jarrita. Devido à presença dos elementos ferromagnesianos acima referidos, o fabrico será de origem exógena.

O fabrico F3 é caracterizado por uma textura homogénea e compacta, dura e de tato ligeiramente grosseiro, tendo a sua fratura uma tonalidade bege (5 YR

8/3 – pink). Relativamente aos elementos não plásticos, apresenta muita matéria ígnea (elementos ferromagnesianos), mica prateada frequente e alguns elementos negros. A percentagem de ENP's é de 20% e o seu tamanho varia entre os 0,5 e os 2 mm. Encontra-se presente num colo de jarra/jarro/jarrita. Pelo mesmo critério que o fabrico anterior, ao qual se junta a presença dos elementos negros, esta trata-se de uma produção importada.

O fabrico F4 apresenta uma textura homogénea e compacta, dureza alta e tato ligeiramente grosseiro. A tonalidade da fratura varia entre o creme e o rosa-claro (5 YR 8/4 – pink). Possui uma grande quantidade de mica prateada e elementos quartzosos, bem como alguma cerâmica moída e alvéolos. A percentagem de ENP's é de 20% e a sua dimensão varia entre os 0,5 e os 3 mm. Esta pasta encontra-se num exemplar de púcaro e num bojo de jarra/jarro/jarrita, e as suas origens são locais/regionais.

Por fim, o fabrico F5 possui uma textura densa e compacta, tato ligeiramente grosseiro e dureza suave, apresentando tonalidade bege (5 YR 8/3 – pink). A análise com recurso a lupa permitiu identificar a presença frequente de mica prateada, baixa presença de elementos quartzosos e alguns alvéolos. A percentagem de ENP's é de 10% e a sua dimensão varia entre os 0,5 e os 2 mm. Distingue-se do fabrico F4 pela sua maior densidade e menor dimensão dos ENP's. Encontra-se representado por apenas um fragmento de colo de jarra/jarro/jarrita. As suas características permitem atribuir-lhe uma origem local/regional.

3.2.2. Fabricos de cerâmica vidrada

O fabrico V1 apresenta uma textura densa e homogénea, tato grosseiro e dureza elevada, com uma tonalidade que varia entre o castanho-alaranjado claro e o bege (7.5 YR 8/2 – very pale brown; 2.5 YR 8/4 – pink). A análise à composição das pastas revelou a presença pouco frequente de mica prateada e elementos quartzosos, bem como a presença rara de alvéolos. A percentagem de ENP's é de 10% e o seu tamanho pode variar entre os 0,5 e os 2 mm. O fabrico V2 apresenta-se muito semelhante ao fabrico V1, tendo como principal elemento distintivo a densidade da pasta, que é superior no V1. Ambos os fabricos são de origem local/regional.

O fabrico V3 possui uma textura compacta e homogénea, dureza elevada e tato grosseiro, apresentando uma tonalidade laranja-acastanhada, por vezes escura (10 YR 6/6 – light red). A sua pasta contém

uma presença pouco elevada de mica prateada, assim como de elementos quartzosos, de pequena a média dimensão. Apresenta também uma frequência baixa de grog e alvéolos. A percentagem de ENP's é de 20% e o seu tamanho pode variar entre os 0,5 e os 3mm. À semelhança dos fabricos anteriores, apresenta uma origem local/regional.

Por fim, o fabrico V4 apresenta uma textura densa e compacta, ligeiramente dura e de tato suave, com uma tonalidade entre o creme e o bege (10 YR 8/3 – pale yellow; 5 YR 8/3 – pink). Apresenta uma quase ausência de elementos quartzosos e mica, mas conta com alguns elementos negros e ferromagnesianos de pequena a média dimensão. A percentagem de ENP's é de 10% e o seu tamanho varia entre os 0,5 e os 2 mm. As suas características indicam que se trata de uma produção exógena.

3.3. Cerâmica de cozinha

3.3.1. Painelas

Neste grupo encontram-se as formas de panela e caçoila. As painelas correspondem a formas fechadas, geralmente de corpo globular, utilizadas na confeção de cozidos e ensopados. A presença de marcas de fogo foi um elemento essencial na distinção entre estas peças e os potes, que podem apresentar a mesma morfologia.

Apesar de ser mais comum encontrarmos painelas sem decoração, nota-se a presença de engobe em sete fragmentos, encontrando-se também dois exemplares com outras aplicações (engobe + pintura e caneluras).

Para esta morfologia funcional foram identificadas três tipologias formais tendo em conta a configuração do bordo e lábio.

A tipologia 1, caracterizada pela presença de bordo vertical e lábio de tendência retangular, corresponde à tipologia mais representada no conjunto, com quatro indivíduos (figura 6, nº 1-3). As peças desta tipologia apresentam, geralmente, um colo troncocónico e asa vertical de secção fitiforme (com ou sem nervuras).

A tipologia 2 encontra-se apenas representada por um indivíduo (figura 6, nº 4). Corresponde a painelas com bordo vertical e lábio arredondado com espessamento exterior.

Por fim, a tipologia 3 é representada apenas pelo indivíduo PF.00/1008-1 (figura 6, nº 5), que corresponde a uma panela com bordo introvertido, lábio em aba e perfil bitroncocónico com asa de secção

oval a arrancar diretamente do colo. Esta peça diz respeito a uma tipologia de panela com uma cronologia mais avançada, cujo melhor exemplo bem datado equivale a um paralelo de Almada, correspondente a uma panela com pintura a branco, de lábio aplanado com asa a arrancar do colo, encontrada associada a dinheiros de D. Sancho I, isto é, encerrando uma cronologia necessariamente posterior a 1185-1211 (Liberato & *alii*, 2020, p. 6).

No que diz respeito ao fundo, todos os fragmentos de panela identificados possuem fundo plano. Exemplo disso é o indivíduo PF.00/1008-503 (figura 6, nº 6), que corresponde também à única panela com decoração de pintura a branco sobre engobe.

3.3.2. Caçoilas

As caçoilas, por seu turno, correspondem a formas abertas, de corpo mais largo que alto, utilizadas na confeção de fritos e guisados de peixe e carne. Tal como no caso das panelas, foram tidas em conta as marcas de fogo, pois as mesmas formas podem tanto servir de caçoila como de tigela.

A decoração mais frequente nas caçoilas corresponde ao brunido interno, presente em seis fragmentos, um dos quais também com pintura a branco, e outro com engobe.

Foram identificadas três morfologias, tendo em conta os mesmos critérios acima mencionados.

A tipologia 1, composta por seis indivíduos, corresponde a caçoilas de bordo introvertido e lábio arredondado, com ou sem espessamento. Deste conjunto, faz parte o exemplar PF.00/7188-101 (figura 6, nº 7), de perfil completo, que apresenta corpo em calote esférico e fundo plano, com brunido na face interna. A tipologia 2 consiste em peças de bordo tendencialmente vertical, com lábio semicircular, e encontra-se representado por um indivíduo (figura 6, nº 10). Por fim, a tipologia 3, que conta com apenas um indivíduo, corresponde a caçoilas de bordo vertical e lábio quadrangular (figura 6, nº 11).

3.4. Cerâmica de mesa

3.4.1. Tigelas

As tigelas correspondem a formas abertas, de corpo semiesférico, utilizadas no consumo de alimentos. Para este conjunto foram atribuídas quatro tipologias. Na tipologia 1 temos apenas dois exemplares – os indivíduos PF.00/1008-3a e PF.00/1008-36 (figura 7, nº 12-13) –, que apresentam bordo introvertido e lábio arredondado. São duas grandes tigelas (com

diâmetros de 26 e 27 cm, respetivamente), idênticas entre si, possuindo vários motivos geométricos pintados a branco. A análise das pastas sugere uma origem local/regional, encontrando paralelos estreitos no exemplar PF.00/1196-23 identificado na Via F da Praça da Figueira (Pires, 2020, p. 55), com a caçoila 3112 do tipo 3J de Palmela (Araújo, 2014, p. 43), e com as sertãs 31 e 32 provenientes da escavação da encosta de Sant'Ana, atribuíveis ao século XII (Calado e Leitão, 2005, pp. 459-470).

A tipologia 2 caracteriza-se pelo seu bordo vertical e lábio quadrangular, da qual faz parte o exemplar PF.00/7188-07 (figura 7, nº 14). A peça possui um bordo com 26 cm de diâmetro e apresenta brunido na face interna e caneluras na face externa.

A tipologia 3, estabelecida a partir do indivíduo PF.00/1008-2e (figura 7, nº 15), caracteriza-se por um bordo introvertido e lábio em aba plana. A tigela identificada possui um diâmetro de 34 cm e apresenta caneluras e decoração vidrada a melado claro na face externa e vidrado castanho na face interna. O seu paralelo mais próximo diz respeito à taça carenada do tipo A proveniente da Igreja de São Lourenço, que apresenta vidrado de cor amarelada (Rodrigues, 2019, p. 38).

A tipologia 4 de tigela apresenta bordo vertical e lábio em pequena aba, cujo único exemplar corresponde à peça 1008-310. Apresenta decoração vidrada de tom melado em ambas as faces e, tal como a tigela anterior, é atribuível ao fabrico V1, sendo por isso de produção local/regional.

Embora não utilizemos as características dos fundos para estabelecer tipologias, acreditamos que seja relevante falar dos dois exemplares com superfície não vidrada identificados no conjunto. O primeiro, correspondente ao indivíduo PF.00/1008-306 (figura 7, nº 16), apresenta pé anelar alto e ligeiramente diagonal, moldurado. A análise da pasta indica que foi produzida local ou regionalmente (fabrico F1) e à superfície da pasta foi aplicada uma aguada, que acreditamos que tenha como objetivo tornar a peça mais clara, cuja tonalidade caracteriza as peças importadas. Já o fundo PF.00/1008-302 (figura 7, nº 17) possui um pé anelar baixo e vertical, muito espesso (0,8 cm).

3.4.2. Jarras, jarros e jarritas

Nesta categoria optámos por incluir as formas de mesa cuja funcionalidade consiste no serviço e consumo de líquidos. Segundo as normas do CIGA (Bugalhão & *alii*, 2009, p. 461), jarras e jarros distin-

guem-se entre si pela presença, na primeira, de duas asas, enquanto os jarros apresentam apenas uma asa. A denominação de “jarritas” foi atribuída por nós às peças que apresentam menores dimensões e que possam ter sido usadas para ingerir diretamente os líquidos, sendo talvez um objeto com um caráter pessoal/individual à mesa. Para estas formas, foram identificadas 4 tipologias.

A primeira corresponde a peças com bordo vertical e lábio arredondado. Encontra-se representado por dois indivíduos, um dos quais o jarro 1008-3 (figura 7, nº 18), decorado com engobe, que apresenta paralelos em Lisboa com o exemplar MC/111 identificado no Mandarim Chinês, com cronologia atribuída ao século XII (Bugalhão e Folgado, 2001, p. 143), bem como com um outro recolhido no Castelo de São Jorge, este do século XIII (Núcleo Arqueológico do Castelo de São Jorge, s.d., p. 51).

A tipologia 2 caracteriza-se pelo seu bordo vertical e lábio arredondado com espessamento interno. Encontra-se representado por apenas um indivíduo, a peça PF.00/7188-102 (figura 7, nº 20), que apresenta perfil completo. Possui paralelos com as jarritas do tipo 1.2 identificados na Via F do bairro (Pires, 2020, p. 71), e com o exemplar RAIJG.19/115 da Rua António Joaquim, em Setúbal (Duarte, 2018, p. 216). A tipologia 3, representada pelo exemplar PF.00/1008-21 (figura 7, nº 19), apresenta bordo vertical e lábio biselado. Além dessas características, apresenta colo cilíndrico reto.

A tipologia 4 possui bordo ligeiramente extrovertido com lábio arredondado. O indivíduo PF.00/1008-45 (figura 7, nº 21), o único deste tipo, apresenta uma cozedura redutora, sobre a qual foi aplicada uma decoração em ziguezague pintada a branca.

Importa também salientar a presença de um fragmento de colo com pintura a vermelho e corda seca parcial (figura 7, nº 22), de produção local/regional.

3.4.3. Púcaros

Assim como vimos com as jarras, mais concretamente com a variante da jarrita, os púcaros correspondem a peças que seriam utilizadas para ingerir individualmente os líquidos. Este conjunto é composto pelo indivíduo PF.00/1008-202 (figura 7, nº 23), de bordo ligeiramente introvertido com lábio arredondado (cuja morfologia caracteriza a tipologia 1), corpo troncocónico invertido e fundo em pé de anel baixo, que possui paralelos com a peça 4165 do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, em Lisboa, atribuído

aos séculos XI e XII (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2007, p. 339); juntamente com o exemplar PF.00/1008-18 (figura 7, nº 24), um fundo plano vidrado a verde claro, de produção local/regional, com características semelhantes ao fundo “sem tipo determinado” identificado no Castelo de Palmela, associado a materiais dos séculos X e XI (Araújo, 2014, p. 99).

3.5. Armazenamento

3.5.1. Potes

Os potes são recipientes de perfil globular utilizados para armazenar alimentos conservados em diversas soluções, entre as quais sal, azeite, mel e farinha. Para esta forma apenas foi identificada uma tipologia, com dois indivíduos (figura 8, nº 25-26), correspondentes a potes de bordo vertical e lábio tendencialmente retangular. Os dois exemplares apresentam paralelos com as peças da tipologia 2 de panela da Via F (Pires, 2020, p. 60) e com o exemplar RAJC.19/61 da Rua António Joaquim Granjo, em Setúbal (Duarte, 2018, p. 212).

3.5.2. Cântaro

Os cântaros são contentores cerâmicos utilizados para o transporte de água. Tal como já foi referido, é comum ostentarem motivos pintados, cujo caráter é marcadamente apotropaico. O único fragmento de bordo recolhido apresenta uma orientação tendencialmente vertical e lábio em aba plana (figura 8, nº 27), o que corresponde a uma tipologia pouco vulgar em contextos islâmicos, sendo mais frequente estes apresentarem bordo vertical com lábio em aba curva. Relativamente às asas, os quatro fragmentos identificados apresentam uma secção fitiforme com 2 nervuras.

3.5.3. Talha

As talhas são grandes recipientes utilizados no armazenamento de água. No contexto da cozinha apenas foi identificado o indivíduo PF.00/1008-31 (figura 8, nº 28), de bordo ligeiramente extrovertido e lábio em aba arredondado, com aplicação de cordão plástico na ligação entre o bojo e colo, que encontra um paralelo em Lisboa, correspondente à talha de período almorávida identificada no NARC (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2007, p. 39).

3.6. Objetos não cerâmicos

Por fim, foi também identificado um seixo de forma tendencialmente circular (figura 8, nº 29), que pa-

rece corresponder a um elemento movente, objeto que seria utilizado no processamento de alimentos, através da moagem e trituração.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo acima desenvolvido demonstrou estarmos perante um conjunto com grande variedade de formas e tipologias de cerâmica, maioritariamente enquadrados nos finais do século XI e primeira metade do século XII. Nota-se, no entanto, a ausência de determinadas formas, como é o caso das taças e tigelas de menor dimensão, que à luz deste contexto pode sugerir que existe, à refeição, uma cultura de consumo familiar a partir de uma grande tigela comum.

A análise microscópica realizada até ao momento, bem como os paralelos identificados noutros contextos islâmicos da cidade e do *Garb*, demonstram que a maioria das cerâmicas consumidas nestas habitações resultava do abastecimento próximo, nomeadamente local, casos das olarias identificadas no NARC, Mandarin Chinês ou Largo das Alcaçarias. O número de peças importadas é bastante residual (cerca 1,5% – 3 indivíduos), e corresponde a peças de cerâmica de mesa (jarras/jarros/jarritas e tigelas), cujas características das pastas sugerem uma proveniência do sul de Espanha.

Os contextos de cozinha da habitação 6 indicam também que a mesma terá tido ocupação mesmo após a conquista cristã de Lisboa, indo de encontro à ideia de um progressivo abandono do bairro. À etapa final da dinâmica do local equivalerá o contexto fechado da cozinha, onde marcam presença alguns objetos que encerram datações bem fixadas nos finais do séc. XII – inícios do séc. XIII.

As duas reformulações profundas de que foi alvo o muro meeiro das duas habitações reforça a leitura de uma mais longa ocupação de ambas no tempo. Serão, de igual modo, significantes as dinâmicas familiares do lugar que, nesta etapa final, justificaram o estabelecimento de uma ligação entre as duas unidades habitacionais, representando deste modo um fenómeno de provável emparcelamento na última fase de uso.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, João Gonçalves (2014) – *A Cerâmica Islâmica do Castelo de Palmela: Análise Tipológica e Crono-estratigráfica dos Materiais da Galeria 5*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda (2001) – O Arrabalde Ocidental da Lisboa Islâmica: Urbanismo e Produção Oleira. In *Arqueologia Medieval*, nº7, Porto: Edições Afrontamento, pp. 111-145.

BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João (2007) – Consumo e Utilização de Recipientes Cerâmicos no Arrabalde Ocidental da Lisboa Islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 10, Número 1. Lisboa, pp. 317-343.

BUGALHÃO, Jacinta, & alii (2009) – CIGA: Projeto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus. In *Xelb* 10, n.p.

CALADO, Marco; LEITÃO, Vasco (2005) – A Ocupação Islâmica na Encosta de Sant'Ana (Lisboa). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 8, Nº2, pp. 459-470.

DUARTE, Susana (2018) – Ocupação do Período Islâmico. In *Setúbal Arqueológica*, Volume 17, pp. 207-228.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; RAFAEL, Lúcia; MACIAS, Santiago (2010) – Habitat e Utensílio na Mértola Almóada. In *Cuadernos de Madinat al-Zahra*. Nº 7. Andalucía: Ministerio da Cultura, pp. 175-195.

LIBERATO, Marco & alii (2020) – Cerâmica de Tradição Islâmica em Contexto Português. Séculos XII-XIV. In *Medievalista*, nº 30, p. 6.

MAALOUF, Amin (1983) – *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*. Lisboa: Difel, pp. 11-12.

MIRA, Duarte (2019) – *A Arqueologia de uma Casa Islâmica do Extremo Ocidental do Gharb al-Andalus: A Unidade Habitacional P/Q – 9/11 da Praça da Figueira (Lisboa)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tese de Mestrado.

MUNSELL, Albert (1994) – *MUNSELL Soil Color Chart*. Nova Iorque: New Windsor.

NÚCLEO Arqueológico do Castelo de São Jorge (s.d.) – *Castelo de São Jorge*. s.l..

RODRIGUES, Andreia (2019) – *Nos Arrabaldes de al-Uxbuna: A Ocupação Islâmica no Sítio Arqueológico da Igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tese de Mestrado, p. 38.

SILVA, Rodrigo Banha da (2012) – A Ocupação do Período da Dominação Islâmica na Praça da Figueira (Lisboa). In *Afonso Henriques e a sua época*. Lisboa: Associação Amigos de Lisboa, pp. 7-9.

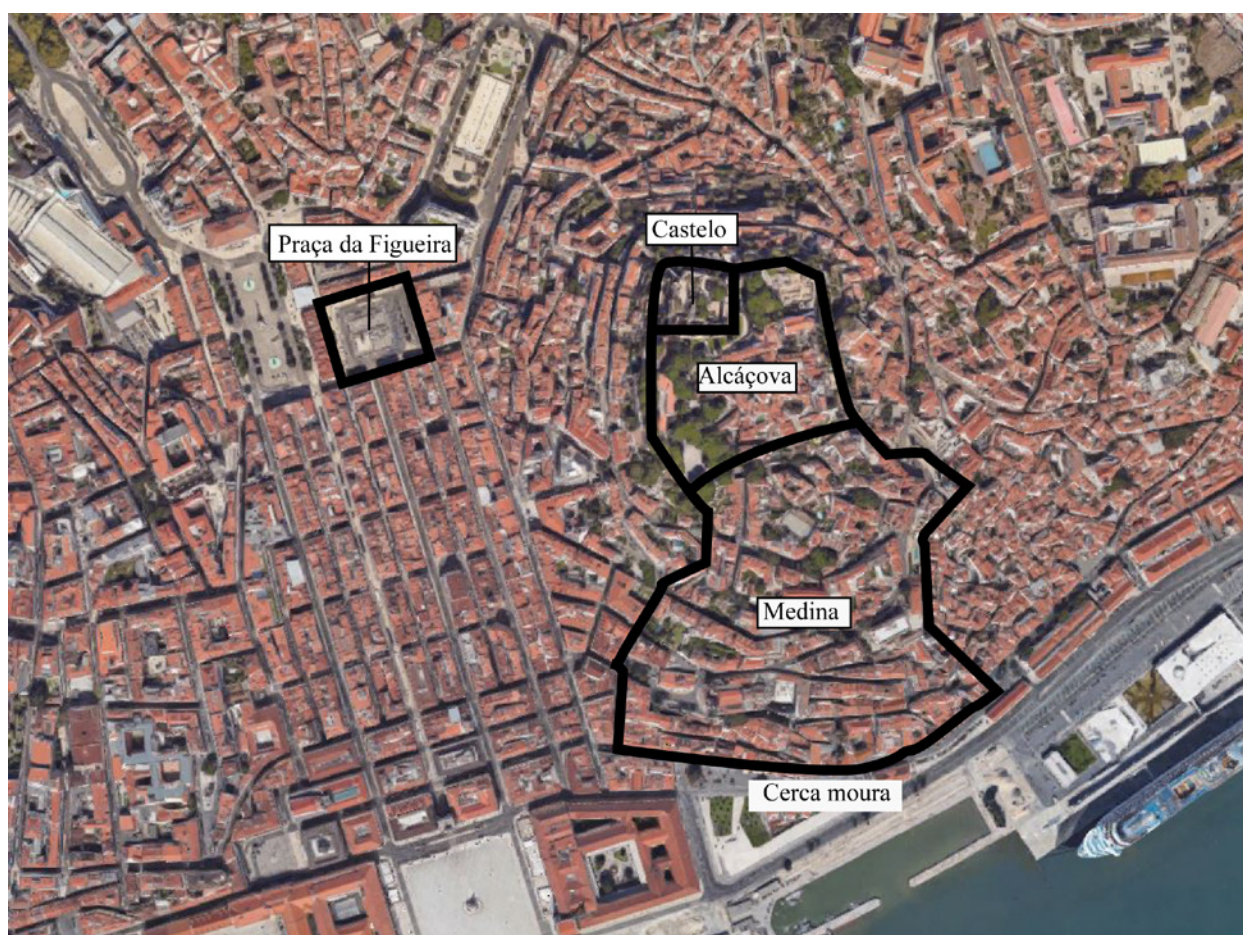


Figura 1 – Localização do bairro da Praça da Figueira em relação à cidade de Lisboa de época islâmica.



Figura 2 – O bairro islâmico da Praça da Figueira, com as habitações 1 (direita) e 6 (esquerda) assinaladas a vermelho e verde, respetivamente.



Figura 3 – Localização da cozinha da unidade habitacional 6.

	Forma	PC	Bordo	Bojo	Fundo	Colo	Asa	Número máximo de indivíduos	Número máximo de indivíduos (%)	NMI	NMI (%)
Não-vidrado	Panela	1	6	81	5	3	4	100	50,25%	6	11,1%
	Pote		2	20	3	1	1	27	13,6%	4	7,4%
	Cântaro		1	5			4	10	5%	3	5,55%
	Jarra/jarro/Jarrita	1	4	2		1	3	11	5,6%	10	18,5%
	Talha		1					1	0,5%	1	1,85%
	Caçoila	1	7		4			12	6%	8	14,8%
	Tigela	2	1		2	1		6	3%	6	11,1%
	Bilha/garrafa					1		1	0,5%	1	1,85%
	Púcaro	1						1	0,5%	1	1,85%
	Indeterminado			12	2		1	15	7,5%	N/A	
Vidrados	Púcaro				1			5	2,5%	5	9,26%
	Jarra/jarro/jarrita			1		2	2	1	0,5%	1	1,85%
	Tigela		2	5	2			9	4,6%	8	14,8%
Total		6	24	126	19	9	15	199	100%	54	100%

Figura 4 – Quantificação dos fragmentos cerâmicos das unidades [2233] e [2236] (cozinha).

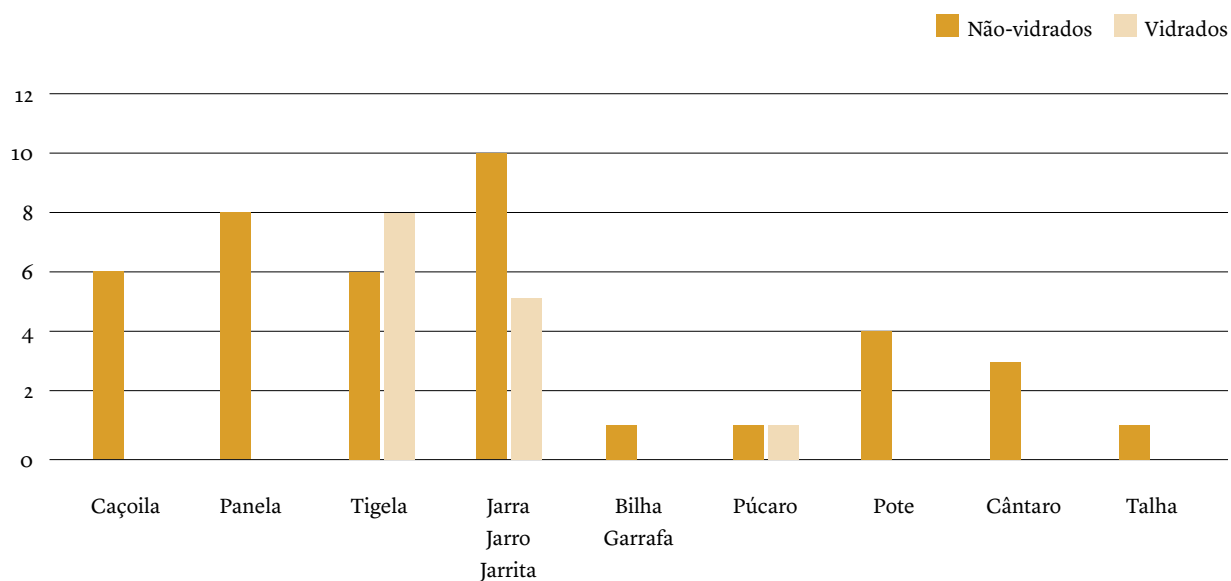


Figura 5 – Gráfico de barras com o NMI por forma funcional.

Cerâmica de cozinha

Panelas



Caçoilas

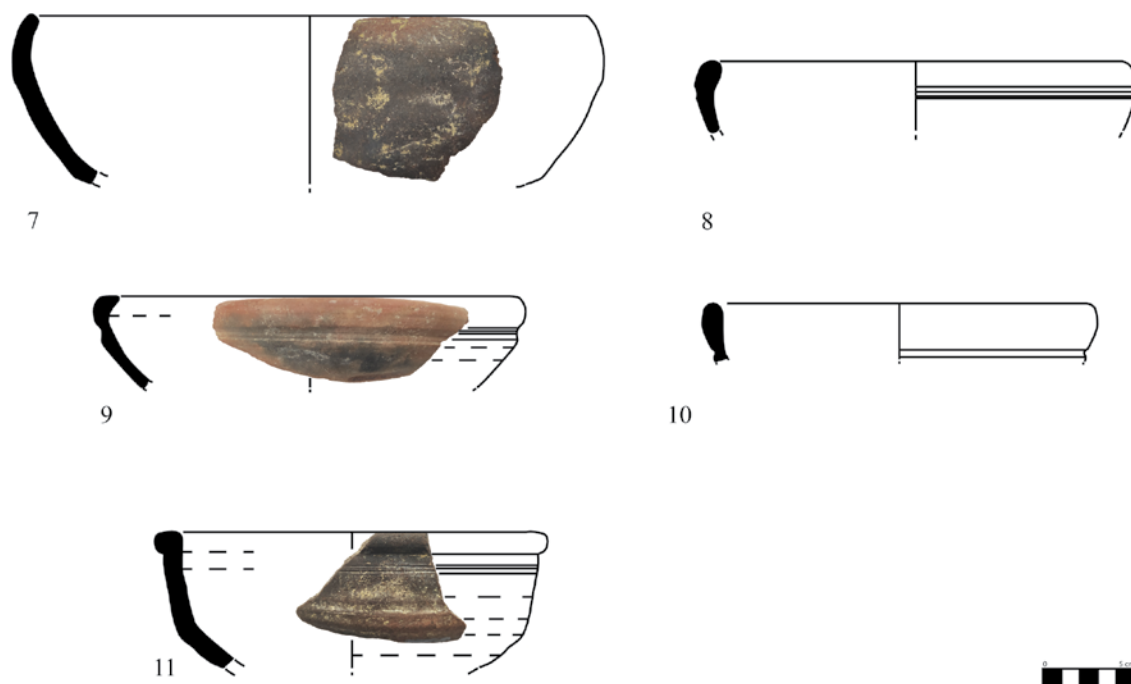
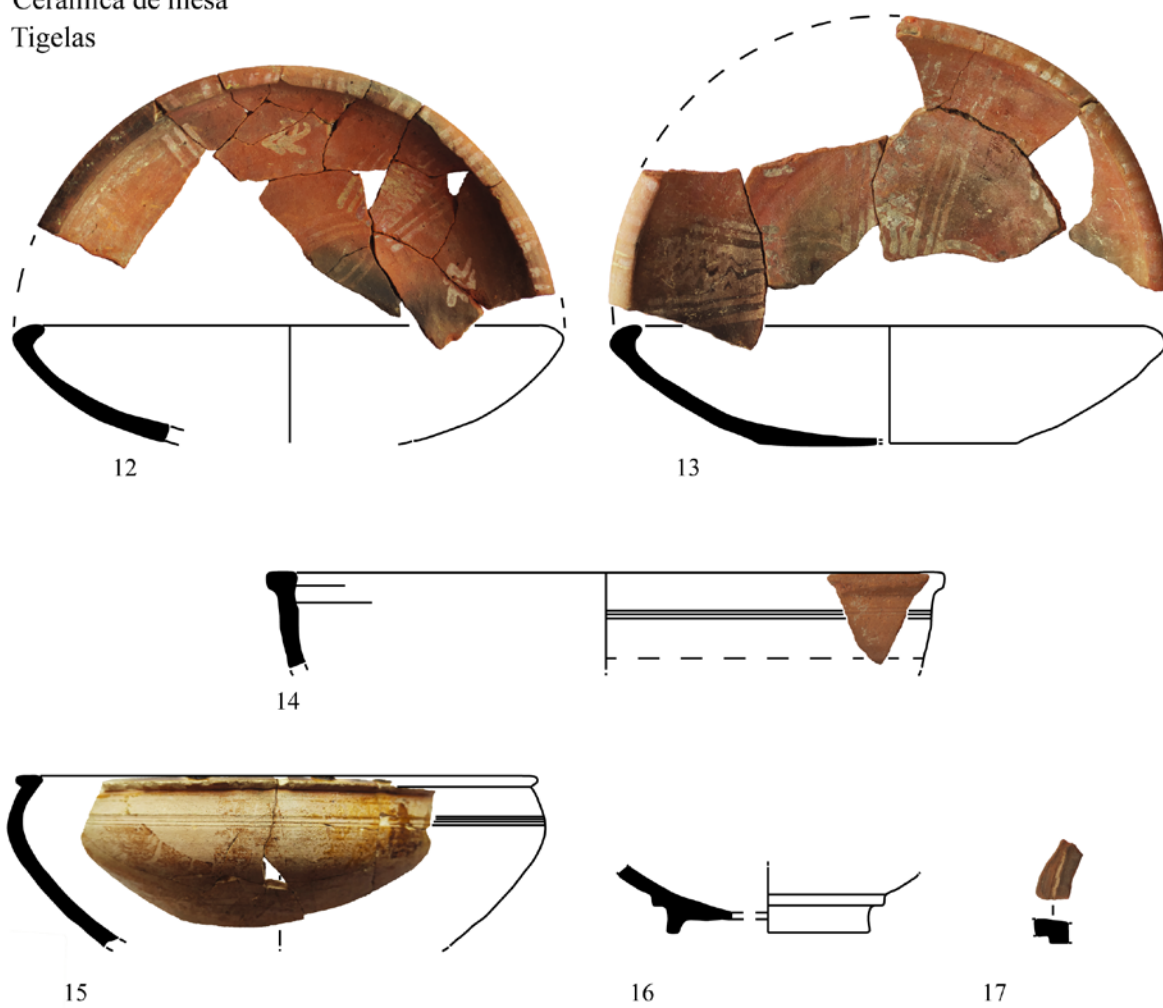
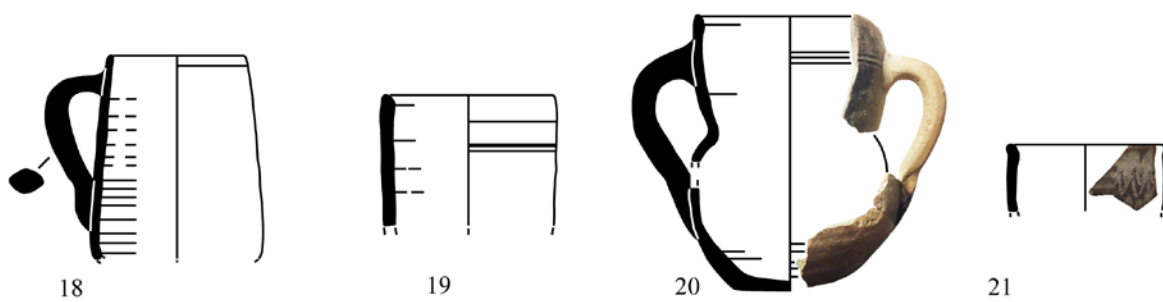


Figura 6 – Cerâmica de cozinha das unidades [2233] e [2236].

Cerâmica de mesa
Tigelas



Jarras/jarros/jarritas



Púcaros

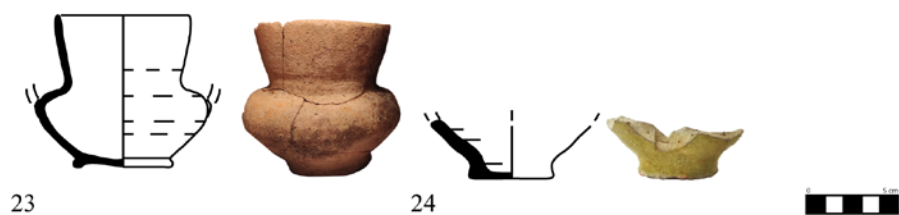
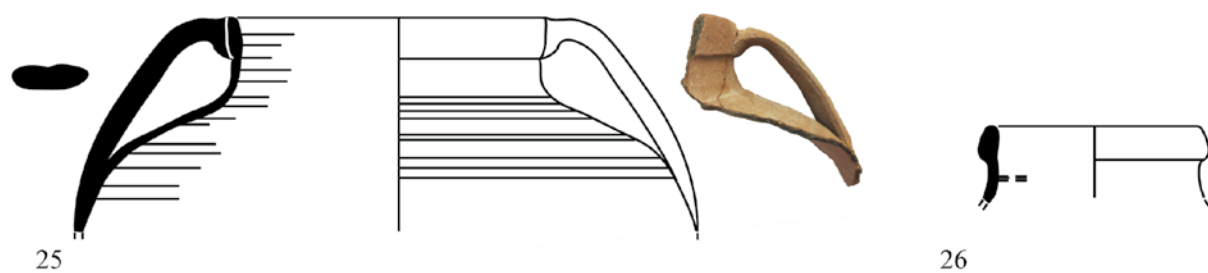


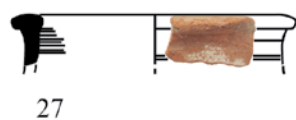
Figura 7 – Cerâmica de mesa das unidades [2233] e [2236].

Cerâmica de armazenamento

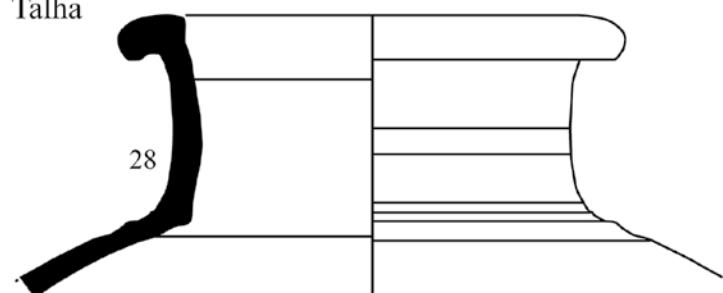
Potes



Cântaro



Talha



Objetos não-cerâmicos

Elemento movente



Figura 8 – Cerâmica de armazenamento e objetos não-cerâmicos das unidades [2233] e [2236].

Nº	Número de Inventário	Forma	Tipologia	Fabrico	Paralelos	Cronologia
1	PF.00/1008-111	Panela	Tipologia 1	F1	Lisboa (Via F; Mandarin Chinês/ NARC) e Palmela	Séculos XI-XII
2	PF.00/1008-501	Panela	Tipologia 1	F1	Setúbal	Séculos XI-XII?
3	PF.00/7188-07	Panela	Tipologia 1	F1	Lisboa (Via F; Mandarin Chinês/ NARC) e Palmela	Séculos XI-XII
4	PF.00/1008-502	Panela	Tipologia 2	F1	Setúbal	Séculos XI-XII?
5	PF.00/1008-1	Panela	Tipologia 3	F1	Almada	Finais do século XII- inícios do século XIII?
6	PF.00/1008-503	Panela	N/A	F1	Lisboa (Via F; NARC; Mandarin Chinês) e Setúbal	Séculos X-XII-XII
7	PF.00/7188-101	Caçoila	Tipologia 1	F1	Lisboa (Via F; Mandarin Chinês; NARC; Igreja de São Lourenço; Encosta de Sant'Ana)	Séculos XI-XII
8	PF.00/1008-67	Caçoila	Tipologia 1	F1	Lisboa (Via F; Mandarin Chinês; NARC; Igreja de São Lourenço; Encosta de Sant'Ana)	Séculos XI-XII
9	PF.00/7188-14	Caçoila	Tipologia 1	F1	Lisboa (Via F; Mandarin Chinês; NARC; Igreja de São Lourenço; Encosta de Sant'Ana)	Séculos XI-XII
10	PF.00/1008-701	Caçoila	Tipologia 2	F1	Lisboa (Via F)	Século XII
11	PF.00/1008-702	Caçoila	Tipologia 3	F1	Lisboa (Via F)	Século XII
12	PF.00/1008-3a	Tigela	Tipologia 1	F1	Lisboa (Encosta de Sant'Ana; Via F) e Palmela	Século XII
13	PF.00/1008-36	Tigela	Tipologia 1	F1	Lisboa (Encosta de Sant'Ana; Via F) e Palmela	Século XII
14	PF.00/7188-07	Tigela	Tipologia 2	F1	Lisboa (Via F) e Setúbal	Século XII
15	PF.00/1008-2e	Tigela	Tipologia 3	V1	Lisboa (São Lourenço)	Século XII?
16	PF.00/1008-306	Tigela	N/A	F1	Lisboa (Via F) e Setúbal	Séculos XI-XII?
17	PF.00/1008-302	Tigela	N/A	F1	Lisboa (Via F)	Séculos XI-XII?
18	PF.00/1008-3	Jarro	Tipologia 1	F1	Lisboa (NARC/Mandarin Chinês; Castelo de São Jorge)	Séculos XII-XIII
19	PF.00/1008-21	Jarra	Tipologia 3	F1	Lisboa (Via F; Igreja de São Lourenço)	Séculos XI-XII
20	PF.00/7188-102	Jarrita	Tipologia 2	F1	Setúbal e Lisboa (Via F)	Séculos XI-XII
21	PF.00/1008-45	Jarrita	Tipologia 4	F1	Setúbal	Séculos VIII-X; XI-XII
22	PF.00/1008-304	Jarra/ jarro/ jarrita	N/A	F3	N/A	Séculos XI-XII
23	PF.00/1008-202	Púcaro	Tipologia 1	F4	Lisboa (NARC)	Séculos XI-XII
24	PF.00/7188-18	Púcaro	N/A	V2	Palmela	Séculos X-XI
25	PF.00/1008-2a	Pote	Tipologia 1	F1	?	Século XII?
26	PF.00/1008-39a	Pote	Tipologia 1	F1	Lisboa (Via F) e Setúbal	Séculos XI-XII
27	PF.00/1008-85	Cântaro	Tipologia 1	F1	?	Segunda metade do século XII?
28	PF.00/1008-201	Talha	Tipologia 1	F1	Lisboa (NARC)	Séculos XI-XII
29	PF.00/1008-510	Elemento movente	N/A	N/A	N/A	N/A

Figura 9 – Descrição dos indivíduos inventariados.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UCC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**